

ETIQUETA DE ENCOMEN
TALES DE ANDRADE

Como nasceu a "Cidade Maravilhosa"

Consagrado à comemoração de 20 de Janeiro de 1567, data
da fundação da cidade de São Sebastião de Rio de Janeiro

Impresso nas oficinas gráficas da
COMP. MELHORAMENTOS DE SÃO PAULO
em papel fabricado pela mesma Companhia
em Caieiras.



SECRETARIA DE EDUCAÇÃO E CULTURA
RIO DE JANEIRO, D. F. - E. U. BRASIL

A BIBLIOTHECA CENTRAL
DE EDUCAÇÃO *a Biblioteca*
da Imprensa Nacional
1943

INTERCAMBIO: CAIXA POSTAL 1.702

Para pedidos telegráficos use o
número 565. Para quantidades vide
chave na 2.^a pág. do nosso catálogo.
Para comprar 50 livros, p/ex., telegrafe
EY 565.

EDITORIA-PROPRIETÁRIA: COMP. MELHORAMENTOS DE SÃO PAULO
(Weiszlog Irmãos incorporada) - SÃO PAULO - CAIEIRAS - RIO DE JANEIRO
Secção Editora - Direção do Professor LOURENÇO FILHO

COMO NASCEU A CIDADE MARAVILHOSA

CAPÍTULO I

Estávamos nas vésperas do ano novo.

O céu cheio de estrêlas parecia enfeitado para festejar a entrada do *ano bom*.

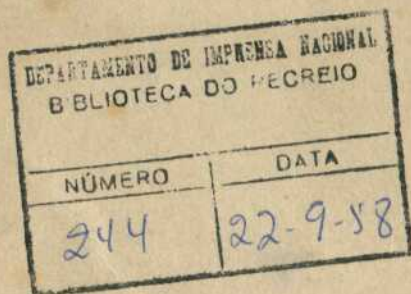
Três naus cortavam as ondas do mar, que parecia quasi tão calmo como um lago.

Os marinheiros cantavam ao som das guitarras.

Cantando, pensavam êles nos entes queridos que haviam deixado tão longe, em Portugal, do outro lado do Atlântico. Cantando, pensavam também na riqueza e na glória de sua pátria, engrandecida pelo descobrimento da terra que o Almirante Pedro Álvares Cabral juntou aos domínios de D. Manuel.

Era essa terra que êles agora procuravam conhecer melhor e haviam de explorar em todos os seus recantos.

No pôsto de comando, o Capitão André Gonçalves ouvia a cantiga dos nautas e pensava: «O ano de 1501 está por pouco. Já se chama *ano velho* e vai morrer. Mas não ficará esquecido. 1501 marcará para



sempre êste tempo em que a nossa expedição, vencendo mil dificuldades, atravessou o Oceano para percorrer longa extensão de costas desta vastíssima terra nova e inexplorada. Descobrimos cabos, portos, rios, baías, ilhas (1)... Que faremos daqui por diante? Seguindo rumo ao sul acharemos, afinal, o extremo dêsse novo-mundo? Encontrarêmos, porventura, algum lugar bom, tão bom como o Éden e que mereça desembarque e valha a pena de uma longa parada? Isso é o que queremos ver. Depois, será o que Deus determinar».

Cresceu o rumor na flotilha.

Aos cânticos, misturaram-se agora as exclamações de alegria dos marinheiros festejando a passagem do ano novo.

— Boas festas! Bom princípio! disseram uns aos outros, apertando-se as mãos.

— Feliz entrada de ano novo! respondeu o Capitão a todos os marinheiros que o foram saudar naquele instante.

Depois, a pouco e pouco, o silêncio reinou entre a maruja.

André Gonçalves olhou para as estrêlas cintilantes. Fixou o olhar, demoradamente, no Cruzeiro do Sul, persignou-se e foi dormir.

Dormindo, sonhou. Ali estava uma fantástica paisagem, ali estava uma grande cidade.

E que cidade admirável! Debruçava-se dos morros, sôbre uma imensa baía.

Milhares de casas, pintadas de branco, de azul, de amarelo, de rosa, de verde, apareciam aos grupos, em filas, dispersas, entre pomares e jardins, enchendo baixadas, cobrindo morros, acompanhando as praias...

Destacando-se do casario e elevando-se muito acima dos telhados, apareciam tôrres elegantes e cúpulas vistosas.

Era um quadro encantador!

Primeiramente, ali estava o mar, como um lago, refletindo tudo no espelho mágico de suas águas. Depois, ao centro, ficavam as construções. Por fim, completando a tela, estavam as serras e o céu.

— Que cidade é esta? gritou André Gonçalves, esfregando os olhos. Lisboa não é. Não é Gênova, nem é Nápoles, nem Londres, nem Constantinopla... Estarei sonhando?

— Às ordens, capitão! responderam-lhe os seus auxiliares que haviam ouvido as suas vozes. Que desejais?...

— Por ora, nada, respondeu André Gonçalves. Vi em sonhos uma *Cidade Maravilhosa!*

— Há sonhos que são prenúncios da verdade, Ca-

pitão! observou o seu imediato. Não será êste um deles?...

Estava amanhecendo.

Coloriram-se as nuvens parecendo feitas de prata e de ouro. As estrêlas empalideceram. O sol surgiu, enfim.

De um lado, via-se o mar até perder de vista.

De outro, avistava-se a terra.

Em tudo havia claridade e alegria!

O ano novo nascia sob as melhores esperanças.

Ano novo, ano bom! Assim saudavam os marinheiros aquele 1.º de Janeiro de 1502.



CAPÍTULO II

Não só pela data se alegravam os marujos. Motivo de júbilo era também a visão do panorama que se descobria no litoral, e para o qual as naus caminhavam serenamente.

O Capitão dera ordem para a ancoragem e o desembarque.

Manobradas com perícia, as três naus aproximaram-se da terra, em curvas graciosas.

André Gonçalves, em seu pôsto de comando, tudo observava: as serras, os morros, a floresta, as praias... Seus olhos se extasiavam com aquelas paisagens tão brilhantes nas côres e tão graciosas nas formas.

Tendo viajado muito pelos mares, êle conhecia lugares de configuração vária e caprichosa. Entretanto, no momento, estava em dúvida quanto à natureza daquele lugar. Que era aquilo — enseada ou estuário?

— Deve ser a foz de um rio, disse afinal.

— Certamente, respondeu-lhe o imediato.

— E' um lugar extraordinário! A natureza juntou aqui os seus encantos! Por aqui se demorou a mão do Criador!

— Também o creio, Capitão.

— E' lugar benfadoço. Agora compreendo o meu sonho: um dia, cheio de casas, de templos e de palácios, êste lugar será a *Cidade Maravilhosa*...

André Gonçalves sorriu.

Depois, numa decisão súbita, exclamou: — E' um rio. E *Rio* será o nome dêste lugar!

As naus ancoraram.

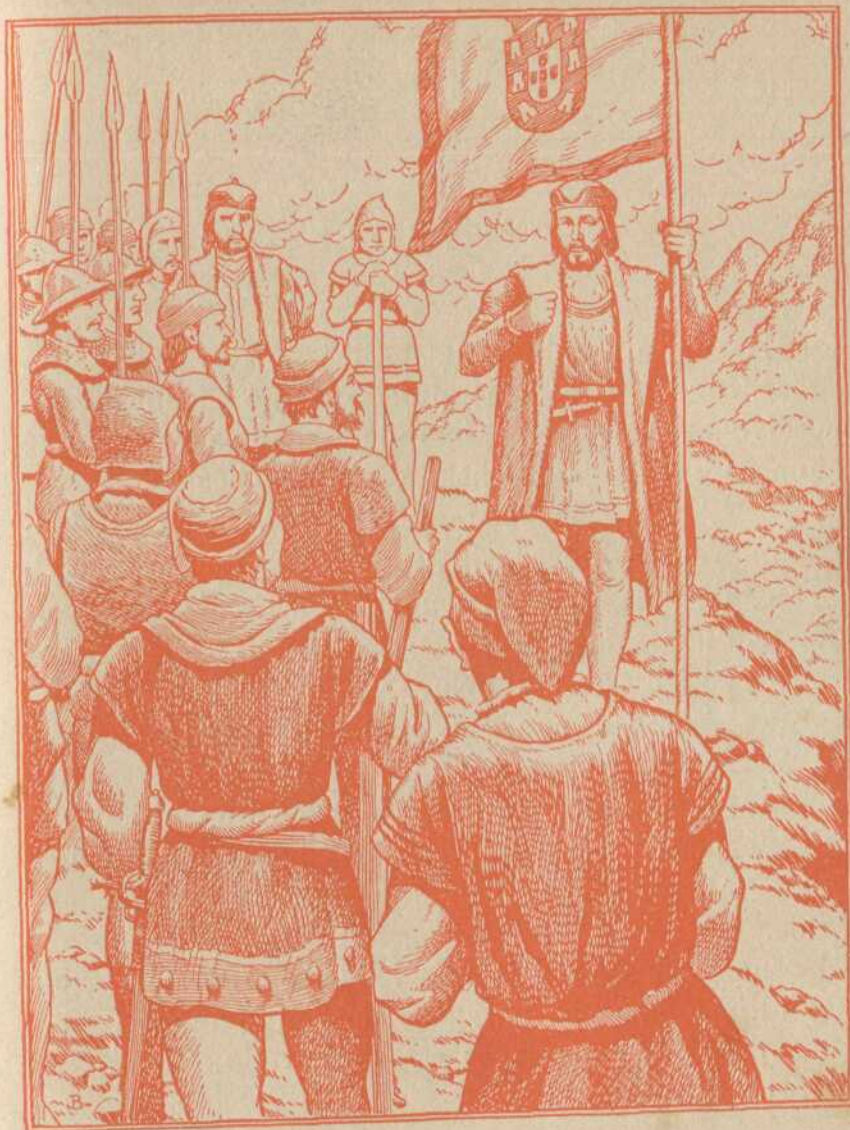
Deu-se o desembarque geral.

Junto ao Capitão ergueu-se bem alto a bandeira de Portugal.

Todos se aproximaram, respeitosamente.

— Meus patrícios! falou André Gonçalves, em tom solene. Meus companheiros do mar e camaradas de armas! Achâmo-nos, pelo que me parece, à foz de um RIO. Em JANEIRO nos achamos hoje. Assim seja, pois, o nome dêste lugar: *Rio de Janeiro* (*).

Vivas saudaram aquelas palavras, que os tempos haviam de consagrar.



CAPÍTULO III

Foi curta a parada da flotilha no Rio de Janeiro.

E' que a expedição precisava, no menor tempo possível, vencer o máximo de distância e explorar aquele litoral cuja extensão era desconhecida.

— E' pena! suspiraram todos à hora da partida. Lastimavam a breve estadia em lugar tão aprazível.

— E' pena, mesmo! concordou o Capitão. E' pena que não possamos permanecer pòr aquí, *desta vez*.

— Ah! Então voltaremos?

— E' êsse o meu desejo.

— Quando?

— Em nova expedição. De modo que podeis dizer a estas paragens que elas nos aguardem a volta.

— Até à volta! exclamaram braços e mãos estendidos.

Quando as naus já iam longe, o Capitão lançou um último olhar às paragens do seu sonho e exclamou, cheio de esperança: — Até à volta, Rio de Janeiro!

Percorrendo longa extensão do litoral, André Gonçalves tocou ainda em diversos pontos e regressou a Portugal. Mas nem achou lugar comparável ao Rio de Janeiro, nem sentiu diminuir a esperança no futuro de tão magnífico trecho de terra, onde havia de surgir e de crescer a mais linda cidade do mundo.



CAPÍTULO IV

Findou-se o ano de 1502. O ano de 1503 já ia em meio quando a segunda expedição partiu para continuar as explorações iniciadas.

Seis naus vinham desta vez.

Mas o seu comandante não era André Gonçalves. Ele não pôde sair, daquela vez. Pôde, entretanto, conferenciar longamente com o Capitão Gonçalo Coelho, seu substituto e leal amigo. E pôde ficar certo de que o conhecido navegador procuraria o Rio de Janeiro.

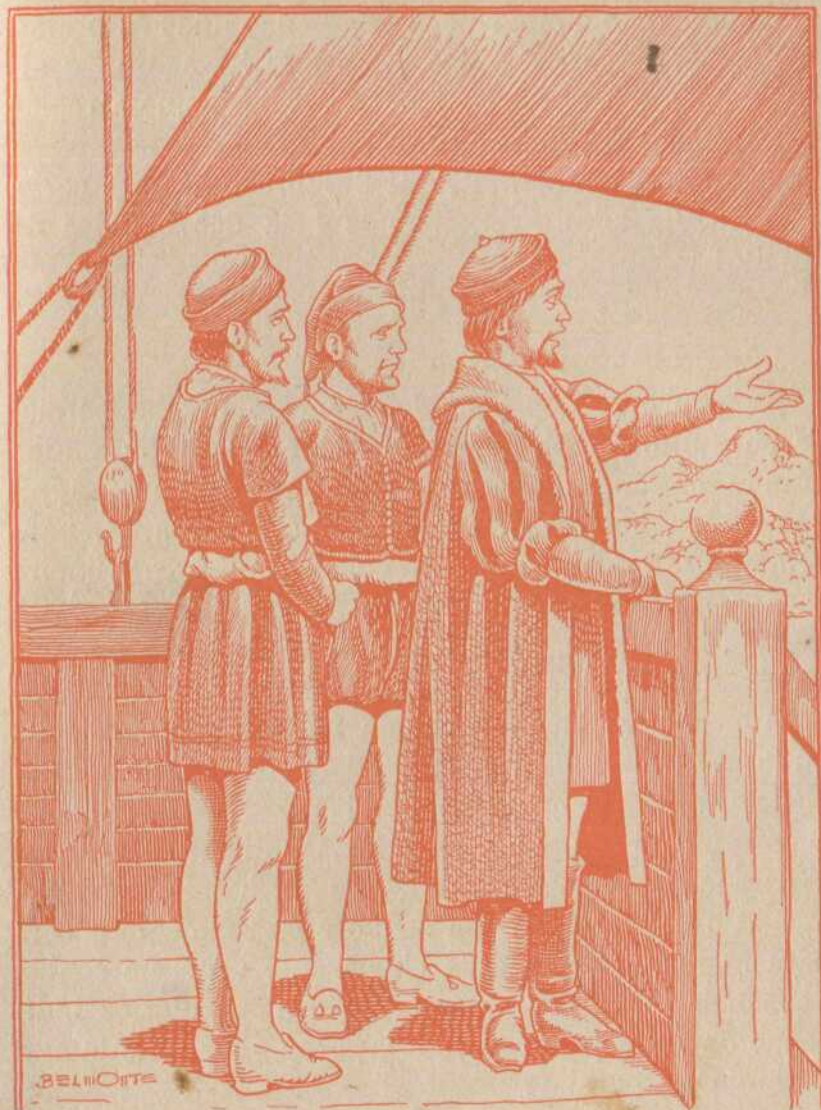
— Olha, meu caro André! Hei de chegar às paragens do teu sonho! Hei de levar-lhe as tuas saudades...

Comovido, André Gonçalves lhe apertou a mão:

— Obrigado, Gonçalo. Fiquei realmente preso àquelas paragens tão belas! Vai e sê feliz!

O Comandante da segunda expedição à Terra de Santa Cruz cumpriu sua palavra.

Depois de muitos contratemplos, tais como o naufrágio do principal navio e a dispersão da frota, chegou a vários portos e fundeou, afinal, no Rio de Janeiro.



Passeando o olhar por tudo — das ilhas às praias, das águas às serras e dos picos ao céu, sentiu-se arrebatado pelos encantos indescritíveis daquela região privilegiada. E exclamou:

— Oh! E' verdade! Aqui desabrochará, por certo, uma cidade admirável, a mais bela das cidades do mundo!

Cumprindo o prometido, Gonçalo Coelho permaneceu muito tempo no Rio de Janeiro. «Explorou-lhe grande parte da baía e dos pontos vizinhos. Agradou-lhe os indígenas. Iniciou-lhe a lavoura. E, para principiar a futura cidade, construiu-lhe a primeira casa»⁽³⁾.

Assim, de regresso à pátria, pôde dizer ao Rei:

— Conduzi as gloriosas caravelas de Vossa Magestade pelo extenso litoral da imensa terra onde há muito *brasil*.

A André Gonçalves, pôde dizer:

— Trago-te novidades e boas notícias. Não é rio a paragem que te encantou. E' uma baía. Não é rio, mas Rio de Janeiro ficou sendo e eternamente o será para marcar a esplêndida cidade que viste em sonho. Seus habitantes terão por nome o nome que os indígenas deram à primeira habitação que alí levantámos.

— Como assim?

— *Carioca* quer dizer *casa do branco*. Foi êste o nome dado pelos indígenas à habitação de pedra que construímos⁽⁴⁾. Não acha natural que assim se chamem os habitantes dessa casa e de todas as outras que hão de formar a futura cidade?

Com o olhar perdido no espaço, André Gonçalves parecia ver milhares de casas de pedra, as casas dos brancos, *cariocas*, como lhes chamavam os índios.



CAPÍTULO V

Passaram-se muitos anos.

Portugal, nesse longo tempo, viveu inteiramente ocupado com as Índias, deixando o Brasil quasi ao abandono, entregue à cobiça e à pilhagem de navegantes estrangeiros.

Um dia, porém, embora à custa de todo sacrificio, deliberou acudir e defender a grande terra. E, para acudí-la e defendê-la bem, precisou colonizá-la.

Enviou-lhe, então, em numerosa e poderosa esquadra: sacerdotes, soldados, artífices, lavradores, operários, famílias... Enviou-lhe animais para a criação, mudas e sementes para as plantações, instrumentos e ferramentas para as construções...

Assim, essa expedição extraordinária representava uma cidade em viagem, pois, onde ela aportasse para fixar-se, a cidade surgiria.

Seria o Rio de Janeiro êsse lugar?

Mantida pelas saudosas narrativas de seu descobridor e de seus exploradores, a lembrança de sua beleza jamais se apagara completamente.

E Martim Afonso de Sousa, comandante da armada que partia, tinha notícias dessas narrativas e

quis conhecer a famosa paragem para resolver se valia a pena fundar aí a primeira cidade brasileira.

Pela madrugada de 30 de Abril de 1531, fronteu êle o Rio de Janeiro.

«Ao meio dia em ponto, quando o sol a pino inundava de luz todos os recantos da inigualável baía, êle transpôs a barra.»

Como Gonçalves e Gonçalo, sentiu-se fascinado por tudo, ali. Pensou que «nenhum pincel do mundo seria capaz de reproduzir tantas belezas e que pena alguma descreveria tais encantos». Compreendeu ser impossível descobrir em toda a terra um lugar tão seguro, tão vasto, tão rico e tão lindo!



CAPÍTULO VI

Passaram-se três meses.

A sedução da paisagem e as excelências do lugar fizeram que Martim Afonso, sem hesitação e sem demora, fundasse a cidade?

— Não.

— Embarque geral, partida para o sul! ordenou êle.

Ninguém se opôs a tal ordem. Ninguém, entretanto, achou um só motivo pelo qual êle preferisse ao Rio outra região.

Martim Afonso, porém, tinha o seu motivo para resolver assim. Estaria certo? Cometeria um êrro irreparável?

Alí «em sítio aprazível, junto ao Pão de Açúcar, passara três meses muito úteis. Foram-lhe amistosas as relações com os indígenas. E' verdade que não achou a casa de pedra erguida em 1503, mas ergueu uma outra, forte, também de pedra e bem cercada. Armou forja e ferraria, consertando e fabricando em-

barcações. Expediu homens pelas selvas em busca de informações sôbre a gente e as coisas da terra. Aguardou-os e os recebeu de volta, em companhia de um grande senhor dos campos, com notícias de fabulosas riquezas existentes»⁽⁵⁾.

Por que, então, depois de tudo isso, resolveu partir?

Resolveu partir pensando assim: — A colônia é demasiadamente extensa. Não lhe conhecemos o extremo norte. Não lhe conhecemos o extremo sul. Ora, por enquanto, apenas uma cidade deverá guardá-la. Onde convém ficar tal cidade que me cabe fundar: ao norte, ao sul ou no meio? Menos distante da Metrôpole e ainda livre de concorrentes inimigos, a região do norte pode ser vigiada e defendida por expedições guarda-costas e por todos os navios que vierem ao Brasil. Muito longe da metrôpole e já infestada de concorrentes e de inimigos, a região do sul não pode permanecer sem defesa efetiva e imediata. Ora, entre o norte guardado e o sul defendido, o centro há de ser respeitado. Ao sul, pois, fundarei a primeira cidade da colônia. Ao norte, a seguir, alguém fundará a segunda. Depois será a tua vez, ó Rio de Janeiro! Lugar extraordinário que és, mereces tratamento extraordinário — provisão de tudo, grandes privilégios e gente escolhida. Nas palavras sagradas «os últimos serão os primeiros» está marcado o teu destino.

CAPÍTULO VII

Sucederam-se os anos.

Fundaram-se cidades no Brasil.

São Vicente, ao sul, serviu para iniciar a colonização da terra.

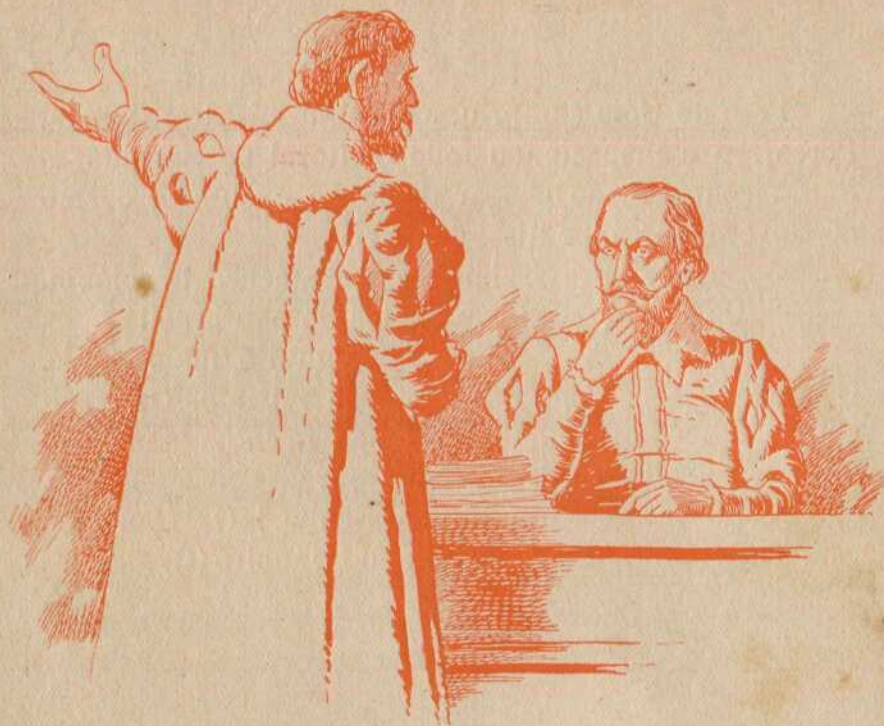
Salvador, para o norte, surgiu como séde de govêrno da colônia.

Ambas exerciam grande influência: atraindo os navegantes, multiplicando as construções, estendendo plantações, aumentando os rebanhos, catequizando o indígena...

Situada entre as duas, a região do Rio de Janeiro, admirável e sempre admirada, ficara, porém, à espera de seu dia.

Chegou o ano de 1550.

Certa manhã, no seu modesto palácio de Gover-



nador Geral do Brasil, Tomé de Sousa, dirigindo-se ao Capitão-Mór da Costa, ordenou-lhe:

— Pero de Góis. Vai e inspeciona o litoral para as bandas do sul. Visita especialmente a paragem que é no dizer dos entendidos e segundo penso, um paraíso terreal, a alegria de todos os olhos e a nossa esperança maior. Vai, pois, ao Rio de Janeiro, coração do Brasil!

Pero de Góis cumpriu, à risca, a missão recebida. Percorreu e inspecionou todo o litoral de Salvador a São Vicente. E, ao chegar da longa excursão, correu ao Governador e lhe disse:

— Senhor. Gravíssimo perigo ameaça a colônia.

— Os piratas? Os traficantes de pau-brasil?

— Senhor. Trata-se de coisa muito mais grave.

Os piratas assaltam, roubam e se retiram. Os traficantes desembarcam, pilham, mas reembarcam.

— Que queres dizer com isso?

— Há intrusos no litoral, Senhor! Os franceses estabeleceram *feitoria* no Rio de Janeiro⁽⁶⁾.

Surpreendido e preocupado, Tomé de Sousa avaliou perfeitamente o perigo daquela ousada incursão estrangeira e resolveu não cruzar os braços diante do fato.

Entretanto, quasi nada pôde fazer.

Retirou-se do Brasil, poucos anos mais tarde. Foi substituído por Duarte da Costa, que também nada pôde contra o invasor francês.



CAPÍTULO VIII

Mas no ano de 1558 chegou Mem de Sá, o novo governador.

Ao assumir o alto pôsto já procurou inteirar-se da exata situação em que se encontrava a famosa para-

gem que devia ser povoada só «*por gente honrada e boa*»⁽⁷⁾, conforme o desejo de todos e uma especial petição dirigida ao Rei.

— Que notícias me dás do Rio de Janeiro? perguntou êle a um fiel e seguro informante.

— Senhor. Já não existe Rio de Janeiro.

— Oh! Que me dizes?!

— A verdade, Senhor. Tem outro nome a rica e pitoresca região. Chama-se *França Antártica*.

— E' espantoso o que ouço. O Rio é nosso, bem nosso e só nosso! Então, por muito o querermos e reservá-lo até agora, havemos de perdê-lo? Não! Ah!... Se êle já fosse uma cidade, a primeira... Mas... Cedeu lugar a São Vicente, a Salvador...

Mem de Sá pôs-se de pé e a andar de um lado para outro, nervosamente.

Depois, franzindo mais a testa e apertando o punho da espada, falou em tom solene, como quem presta juramento:

— Pois São Vicente e Salvador saberão cumprir seu dever. Hão de acudir e salvar o Rio de Janeiro. Expulsaremos os intrusos! Os invasores serão repellidos!

CAPÍTULO IX

Mem de Sá reuniu, depressa, os elementos necessários para a expulsão dos intrusos.

E partiu chefiando a armada de dois navios grandes, oito naus pequenas e numerosas canoas.

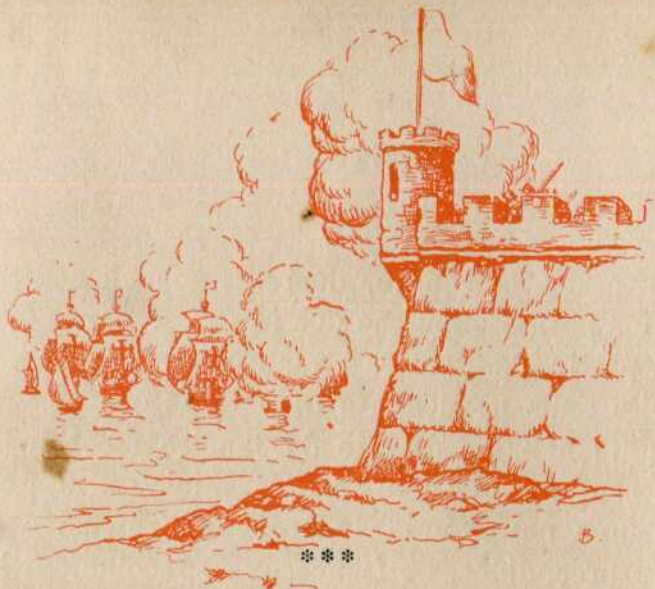
Junto à barra do Rio de Janeiro recebeu os reforços esperados de São Vicente, iniciou a luta capturando uma nau inimiga e ordenou a ofensiva geral.

Surpreendidos, os franceses se recolheram à ilha bem fortificada e, com seu chefe, preferiram lutar a render-se.

Debaixo de nutrido fogo despejado pela artilharia do forte inimigo, Mem de Sá entrou na barra.

Então, no mar e em terra, travou-se uma só batalha. Combateu-se sem cessar, pelo dia e pela noite.

Afinal, a sorte das armas pendeu a favor dos portugueses. «Pondo o pé na ilha, êles abriram brecha na fortificação. Em furor desesperado, os franceses tentaram uma suprema resistência, inutilmente. Cresceu o número de seus mortos. Aumentou o número de seus prisioneiros. Em tal situação de apêto e de angústia abandonaram a praça e fugiram desbaratados para o continente, com os seus aliados indígenas»⁽⁸⁾.



Era 17 de Março de 1560.

Em ação de graças pelo feito, foi rezada a primeira missa ali na terra.

A seguir, todos percorreram a baía, visitaram ilhas e admiraram praias, proclamando bem alto o seu encanto pelas magnificências daquela terra sem par.

Mas, em tal paragem, onde se juntavam tantas maravilhas naturais, o homem não ia ter ainda a satisfação de juntar as maravilhas de sua arte na fundação da cidade sonhada, ideada e desejada.

Pois Mem de Sá ordenou o arrasamento do forte, providenciou o embarque dos prisioneiros e de toda sua gente e «abandonou a baía sem ter deixado um único homem seu no litoral tão vasto» (°).

CAPITULO X

Logo que a última embarcação desapareceu fora da barra, os primeiros refugiados reapareceram dentro da baía. Os franceses sobreviventes à derrota voltavam das matas.

E logo se espalhou, de navio a navio, entre os franceses, a notícia do abandono do lugar pelos senhores da terra.

E logo, numerosos e bem armados, os intrusos reocuparam o Rio.

Dessa vez, porém, não se estabeleceram somente na ilha. Foi, também, no próprio continente que firmaram seu poder. Para isso fundaram, guarneceram e fortificaram *Uruçumirim*.

Mas não se limitaram à posse dessas plagas e à proteção dos seus negócios.

«Assumiram, encarniçadamente, uma ofensiva terrível contra os colonizadores.»

Saltearam-lhe os navios, na costa, por toda parte. E souberam levantar índios tamôios contra os portugueses.

Mem de Sá errou ao retirar-se do Rio, deixando-o abandonado.

Teria ânimo e elementos para corrigir-se, atacando e vencendo outra vez os invasores, afim de expulsá-los definitivamente?

Ânimo não lhe faltava. Elementos, êle os podia reunir numerosos. Organizou, assim, uma nova expedição, à frente da qual êle pôs um grande chefe — orgulho do seu sangue e glória de sua raça.

Encarnando o patriotismo da família e a bravura dos patrícios, êsse chefe providencial havia de operar milagres. Era êle Estácio de Sá⁽¹⁰⁾.



CAPITULO XI

A expedição ia partir.

— Meu senhor e meu tio, disse o Comandante ao Governador, serão cumpridas as vossas ordens.

— Olha, Estácio, o momento é decisivo para a sorte dos domínios portuguezes na América!

— Meu Senhor e meu tio, por minha vida ou por minha morte eu vos prometo — a França Antártica há de morrer! O Rio de Janeiro viverá!

— Bravos! Estamos entendidos.

E a expedição deixou o pôrto de Salvador para executar a sua grande missão.

Mar e céu, céu e mar...

Ligeiras, as naus singravam as águas. Convictos da importância de sua tarefa, os expedicionários se exercitavam a bordo. O Comandante acarinhava o lindo projeto que foi sonho doirado de André Gonçalves — ver surgir e crescer a *Cidade Maravilhosa*...

Mar e céu, céu e mar...

As naus alcançaram um ponto donde avistavam aspectos exteriores da região prodigiosa.

— Lá está!

Na direção apontada todos contemplaram o panorama que se descortinava.

Estácio pôs a vida nos olhos. Seu coração bateu com mais fôrça. Seus lábios murmuraram: sim, é lá que cumprirei meu destino. Por *El-Rei Dom Sebastião*, de quem sou vassalo, e por *São Sebastião*, de quem sou devoto, afrontarei os franceses como aos mouros e enfrentarei os selvagens como aos pagãos. Ao Rei e ao Santo consagro a projetada cidade, pela qual saberei viver ou morrer com glória!



CAPÍTULO XII

Estácio de Sá tinha desusada valentia. Mas, como bom chefe, sabia também ser prudente.

Por isso, agiu com a necessária calma. Fez a armada ancorar fora da baía, procedeu à avaliação das fôrças inimigas, reconheceu suas posições e viu que a expedição necessitava ainda de grandes elementos para poder atirar-se à guerra vantajosamente.

Não desanimou, nem hesitou. Buscou êsses elementos em São Vicente e em Piratininga, por intermédio dos veneráveis jesuítas — os padres Nóbrega e Anchieta.

À voz de tão prestigiosos chefes «alí se levantaram grande parte das necessárias fôrças e materiais». «Alistaram-se mestiços e índios, aparelharam-se canoas, aprontaram-se petrechos.»⁽¹¹⁾

«E então as caravelas, os bergantins e as canoas voltaram à base das operações recebendo mais reforços chegados do norte, principalmente do Espírito Santo e da Baía.»⁽¹²⁾

1.º de Março de 1565.

Em seu pôsto de comando, Estácio de Sá ordenou a entrada na ampla baía, cautelosamente.

«Perto da barra, em sítio muito bem defendido do lado do mar, junto ao Pão de Açúcar, muitos desembarcaram, tomando posição.»⁽¹³⁾

«Passou-se o dia em alvorôço, no risco de um assalto, a qualquer hora, por parte dos franceses.»

Mas, a-pesar-da trabalhadeira do desembarque e do contínuo estado de alarme em face do inimigo, mostraram-se todos encantados com o que viam.

Neles cresceu a vontade de expulsar os invasores para a reconquista daquela terra preciosa.



CAPÍTULO XIII

Estácio de Sá e Anchieta estavam juntos⁽¹⁴⁾.

Pareciam cegos aos efeitos fantásticos de luz na mirífica paisagem e pareciam surdos à orquestra da passarada gorjeando.

Entretidos com a solução de importante problema, êles conversaram:

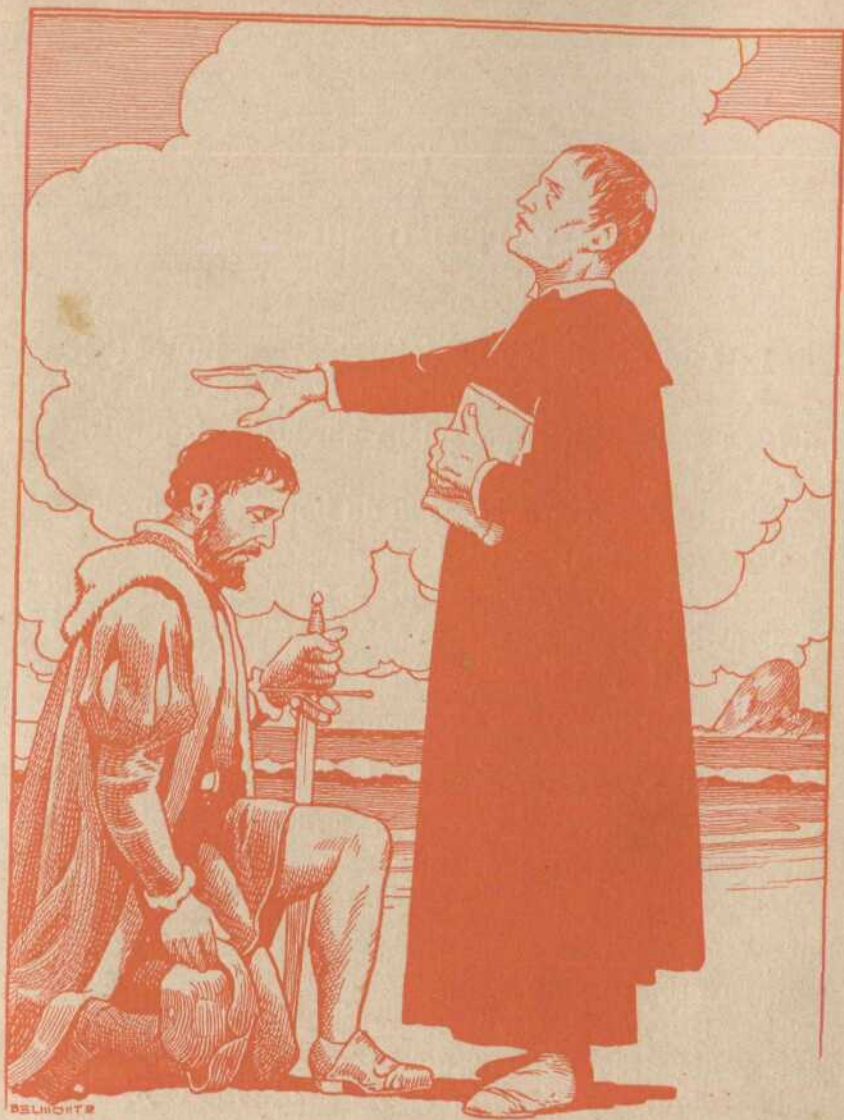
— Padre, vou principiar a cidade, sem demora, hoje mesmo. Não esperarei mais nada para isso.

— E' o que deve fazer, Capitão. Conte comigo. Estou às suas ordens.

— Obrigado. Preciso de seus conselhos. Olhe, bom Padre — *carioca*, ou *casa do branco*, foi o nome dado à primeira habitação erigida aqui, há tantos anos. *Guanabara*, ou *Mar Grande*, é a denominação dada pelos naturais à baía. *Rio de Janeiro* é como se chamou êste lugar ao ser descoberto.

— Prefere êste último nome?

— Sim, mas ligado ao do Soberano e ao do Santo aos quais desejo consagrar a cidade. Ela se chamará, pois, *São Sebastião do Rio de Janeiro*⁽¹⁵⁾. Depois,



mais tarde, quando for possível, num dia 20 de Janeiro, natalício de D. Sebastião e festa de São Sebastião, há de ser celebrada a sua instalação, solenemente, conforme o cerimonial.

— Perfeitamente, Capitão. E vai iniciar a cidade aqui mesmo?

— Sim, bom Padre, embora reconheça que o ponto mais apropriado para situá-la seja ao meio, entre o fundo e a entrada da baía, em lugar alto, fácil de defender-se. Quando for possível, depois, mais tarde, sua séde pode ser transferida. E então, em lugar definitivo, há de crescer, prosperar e viver até o fim dos séculos.

— Muito bem, Capitão.

Ajoelhando-se aos pés do sacerdote, Estácio de Sá disse-lhe então:

— Padre, abençoe-me para que sejam abençoados os trabalhos que vou iniciar agora.

Atendendo-o, Anchieta impôs-lhe as mãos sobre a cabeça, ergueu os olhos ao céu e disse:

— Capitão Estácio de Sá. Deus o abençoe e à cidade que vai nascer.

— Amém, respondeu Estácio, levantando-se.

E acrescentou: — O Padre Anchieta que foi o fundador de Piratininga será o padrinho de São Sebastião do Rio de Janeiro!

Anchieta não disse uma palavra.

Elevou os seus olhos serenos ao céu, buscando as bênçãos do Criador.

CAPÍTULO XIV

Um espetáculo admirável de agitação e de entusiasmo para logo começou.

A voz de Estácio todos se movimentaram para a faina urgente.

Com o máximo vigor manejaram-se os instrumentos. Uns, atirando-se contra as árvores, golpeavam-nas, com os machados. Outros lhes partiam os troncos, cortavam-lhes os ramos, despojavam-nas da folhagem. Ainda outros lhes escolhiam a madeira destinando-a à construção de casas e cercas.

Êstes, arcados contra o solo, limpavam e aplainavam. Outros ainda lhe rasgavam sulcos para que as enxurradas corressem livres, ou abriam fundos buracos para firmar os esteios das casas.

Muitos afeiçoavam a madeira, preparando-a para fins vários; outros a transportavam.

Fincavam-se *pés direitos*, erguiam-se *cumieiras*, *caibros e ripas*, armavam-se as casas.

Para armá-las traziam forquilhas e cipós; para cobri-las escolhiam folhagem apropriada e para barroteá-las amassavam o barro.

Muitos arrancavam pedras, outros as quebravam e outros ainda as carregavam...

Que admirável prova de diligência, de dedicação e boa vontade era aquela!

«Cada homem da tripulação, desde Estácio de Sá, em pessoa, ao último grumete, todos, sem exceção, inclusive os padres José de Anchieta e Gonçalo de Oliveira, trabalhavam com entusiasmo nas construções, lenhando, cavando fossos, carregando aos ombros pedrouços e toros de madeira, batendo a estacaria, levantando casas de pau-a-pique, com paredes rústicas, cobertas de fôlhas de coqueiro»⁽¹⁶⁾.

E a cidade nasceu, de pronto.

Sob as gotas de suor bendito daqueles extraordinários obreiros, ela se ergueu já tendo capela, forte, baluarte, ranchos, casas, cisterna, roças, cercados, taipas, tranqueiras⁽¹⁷⁾...

Ergueu-se pequenina, mas já encantadora, cheia de vida e de alegria.



CAPÍTULO XV

O caçador aguarda pacientemente a melhor oportunidade para atirar-se contra a vítima. E, nas guerras como nas caçadas, há táticas iguais.

Assim, dentro da baía, na ilha e no continente, em suas fortificações, os franceses não julgavam conveniente um ataque imediato à gente de Estácio, logo à sua chegada e ao seu desembarque perto da barra.

Bem estabelecidos em *Uruçumirim* e *Paranapu-cuí* ⁽¹⁸⁾ eles se julgavam senhores da situação.

Assistiram e observaram tudo, alvoroçados e enraivecidos, mas sem manifestar a mínima reação contra o inimigo tão próximo.

Em seus projetos guerreiros imaginavam poder bloquear esse inimigo ali ao alcance, para vencê-lo e esmagá-lo completamente.

Estácio não se iludiu com a atitude fingida de paz por parte dos franceses.

Nem por um minuto se descuidou dos penosos

trabalhos para a defesa de tudo e de todos, por mar e por terra.

Nem por um instante, de dia ou de noite, deixou ficar sem guarda o local e sem vigilância aquelas redondezas.

Entretanto, por sua vez, nada fez contra o terrível inimigo que os espreitava e se aprestava ali perto.

Em seus planos de guerra imaginou ser preferível firmar-se primeiro. No começo evitaria a luta e só se defenderia. Depois... Ah! Então assumiria a ofensiva, com real vantagem e violência inaudita ⁽¹⁹⁾.

Como dois lutadores que se enfrentam e se medem, cruzando as espadas, antes do choque, a França Antártica e São Sebastião do Rio de Janeiro pareciam medir-se antes do primeiro embate.

Passaram-se alguns dias.

De repente, um grito de alarma ecoou na cidadezinha em construção.

Assaltaram-na furiosamente.

«Empenados, com repetidos alaridos, estrondos de vozes e arcos», surgiram os tamôios, aliados dos franceses.

«Acharam, porém, valor e resistência».

«O ataque foi repellido com grande pavor e fuga dos assaltantes» ⁽²⁰⁾.

A palavra de Estácio, o estímulo de Anchieta e a valentia de todos garantiram aquela bela vitória da pequenina e recém-fundada cidade.

— Já teve a prova das armas e venceu! exclamou o Capitão. Provou a sua fôrça!

— Sim, acrescentou Anchieta, ela tem as graças do Altíssimo.

Mas os intrusos renovaram seus ataques.

Irromperam, pela orla da mata, em tocaias e guerrilhas.

Investiram por mar.

Mas tudo inutilmente.

Estácio e Anchieta tinham mesmo razão: o Rio provava a sua fôrça, era invencível⁽²¹⁾.



CAPÍTULO XVI

Certa manhã uma notícia correu de bôca em bôca na pequenina cidade.

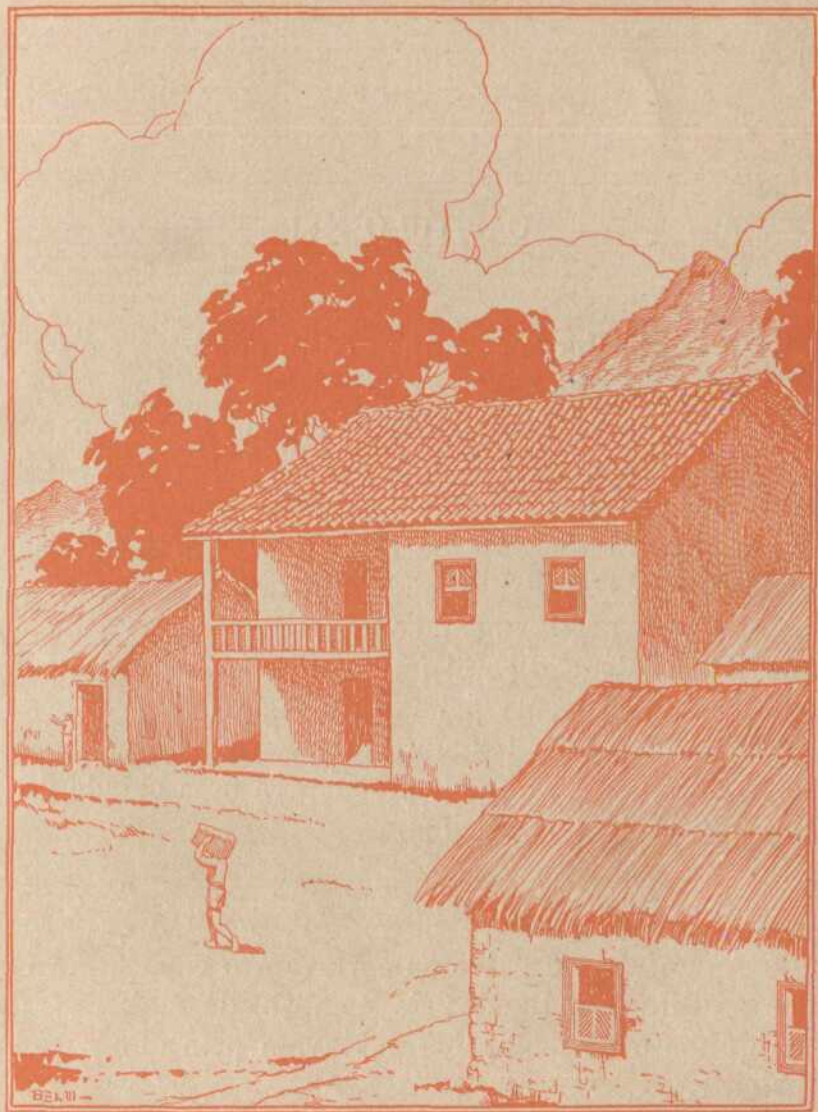
Dirigindo-se ao ancoradouro, onde uma embarcação acabava de atracar, todos gritaram, contentes: — *têlhas! têlhas!*

Eram um presente de São Vicente a São Sebastião⁽²²⁾.

De boa argila, bem cozidas e róseas, logo elas atraíram a atenção geral formando o primeiro telhado entre as cobertas de palmas e de sapé.

Ao mirar êsse telhado tão vistoso à luz forte do sol, todos sentiam que ali prosperava uma cidade destinada a viver nos séculos.

Andorinhas e gaivotas cortavam o espaço em todas as direções. Bandos de pombas, de maitacas, de periquitos e de papagaios passavam pelo alto a cada instante.



Por cima das habitações os rolos de fumaça se desmanchavam ao sôpro dos ventos.

Ocupados em seus múltiplos misteres, todos labutavam.

Junto às águas, uns consertavam redes ou embarcações e outros pescavam.

Nas matas, uns caçavam e outros tiravam mel e palmitos.

À frente da capela, alguém capinava o largo, limpando-o.

Pelos quintais e pelas roças, uns tratavam de hortaliças e outros cuidavam do inhame, da mandioca, do milho...

Cada casa era uma oficina e cada pessoa um artífice.

Mãos hábeis fabricavam mil coisas úteis e necessárias: armas, utensílios, móveis, instrumentos musicais... Fabricavam arcos, flechas, tacapes, fios, redes, covos, armadilhas, pilões, gamelas, balaios, jacás, cestas, peneiras, esteiras, potes, pichorras, tripeças, puítas, flautas, chocalhos...

E enquanto os olhos se encantavam admirando tudo isso, os ouvidos podiam apreciar o marulho constante das vagas, o chiado do vento nas árvores, o gorjeio mavioso dos pássaros, o barulho das ferramentas em uso, a fala, o assobio e o cântico dos habitantes, tudo de mistura com o mugir do gado, o latir dos cães e o cucuricar dos galos.

CAPÍTULO XVII

— *Delém-dém-dém! Delém-dém-dém!* repicou o sininho da capela, em tom festivo.

Ouvindo-o, todos lhe atenderam ao chamado, imediatamente.

O pequenino templo ficou repleto de fiéis.

Dentro, contemplavam-lhe no altar a efigie do Santo Padroeiro São Sebastião, atado a um tronco e trespassado de setas⁽²³⁾.

Fora, reparavam no molho de setas dado por braço à cidade⁽²⁴⁾.

A um sinal, todos se calaram.

Iniciou-se a cerimônia religiosa, de cujo culto estava incumbida a irmandade já criada para tal fim sob a direção dos padres José de Anchieta e Gonçalo de Oliveira⁽²⁵⁾.

Ouvida a missa e recebidos os sacramentos, todos se reuniram no largo, onde Estácio de Sá lhes dirigiu a palavra, assim:

— «Brava gente!

Há quinze meses passados aqui desembarcámos numa aventura audaciosa. Durante quinze meses aqui temos vivido em arriscada missão. Aqui pusemos nossos pés, erguemos nossa igreja, levantámos nossas casas, plantámos, criámos... Aqui nos fortificámos, estabelecendo-nos firmemente. Aqui fundámos a cidade, que está vitoriosa contra tantos ataques — nuvens de setas e chuvas de pelouros. Pequeninina, por enquanto, será imensa, no porvir. Pobrezinha, hoje, será riquíssima, no futuro. Modesta, agora, há de ser o orgulho da terra!

Brava e boa gente!

Sob o patrocínio de São Sebastião, auxiliado pelo grande Anchieta e com a vossa ajuda tão preciosa, muito já pude fazer em benefício da querida cidade. Por ela é preciso fazer ainda muito mais. Agora, pois, de acôrdo com o cerimonial, celebremos a posse do seu Alcaide-mor, já nomeado. Assim, de conformidade com as Ordenações que são as Leis do Reino, instalemos oficialmente a cidade. Eu vos reuni para isso.»

Formou-se então o préstito, que acompanhava Estácio, Anchieta e os principais do lugar.

Reinavam entusiasmo e alegria entre os presentes, a tal ponto que se enfeitaram com flores silvestres apanhadas pelo caminho.

Primeiramente, percorreram os arruados, a seguir, saíram do recinto murado e, depois, deram uma volta pela praia.

Afinal, chegados «à porta principal da cidadela e fortaleza e ficando todos do lado de fora, só entrou o Alcaide-mor, por ordem do Capitão, cerrando-lhe a porta e os postigos, com suas aldravas de ferro e por suas próprias mãos».

O ato se tornou solene.

Fez-se completo silêncio.

Todos se descobriram.

— *Toc... toc... toc...!* bateu Estácio à porta, com fôrça.

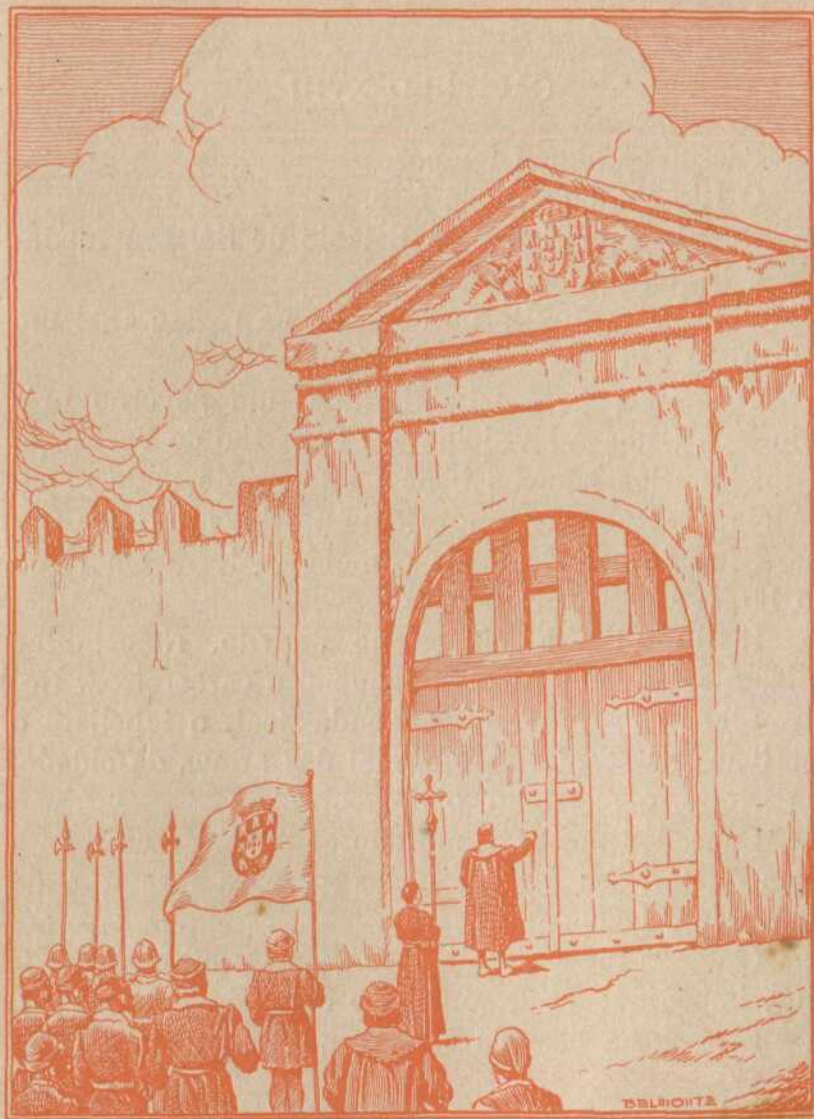
— Quereis entrar? Quem sois? lhe perguntou o Alcaide.

— Sim. Quero entrar. Em nome de El-Rei, nosso senhor, sou o Capitão-mor da cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro.

Abrindo-lhe a porta, imediatamente, para recebê-lo, o Alcaide pronunciou as seguintes palavras: Senhor Estácio de Sá. Eu vos reconheço Capitão-mor da cidade. Entrai em nome de Sua Alteza, senhor desta cidade e fortaleza⁽²⁶⁾.

Uma salva de palmas fez-se ouvir enquanto as duas autoridades apertavam-se as mãos.

O povo prorrompeu em exclamações. Estava, assim, oficialmente inaugurada a cidade.



CAPÍTULO XVIII

Passou-se algum tempo.

O Rio era cidade, de fato.

Quanta coisa lhe dera Estácio de Sá, seu fundador e benfeitor?

Dera-lhe o direito do domínio na região «até um raio, para cada lado, de seis léguas».

«Dera-lhe, para administrá-la, um governo próprio — a Câmara Municipal ou Conselho de Vereança, formado pelos homens bons da terra, de mais experiência e melhor conceito. Como patrimônio dessa Câmara fez doação de légua e meia de terra em tórno do largo.

Instituiu-lhe a justiça no distrito. Nomeou-lhe Juiz, Alcaide-mor, Alcaide-pequeno e carcereiro... Nomeou-lhe o Provedor da Fazenda-Real, o tabelião, o escrivão das sesmarias e oficial das armas da cidade, o porteiro, o meirinho, o pregoeiro...

Concedeu aos seus moradores cêrca de cincoenta lotes de terra — as sesmarias — para formação de estâncias e fazendas.

Ordenou-lhe a fiscalização geral: proibindo os vícios, impedindo as desordens e evitando abusos»⁽²⁷⁾.

E então, a bem da cidade, que lhe restava fazer ainda?

CAPÍTULO XIX

Estácio de Sá andava preocupado.

Para consolidar a cidade, pô-la fora de perigo e torná-la única dominadora da formosa Guanabara, só havia um caminho — a extinção da *França Antártica*.

Mas êle não tinha meios para isso.

A-pesar-da bravura e da dedicação dos seus combatentes, precisava de muitos reforços de guerra para poder tomar, a sério e vantajosamente, a ofensiva contra o inimigo.

Até alí a campanha se arrastava num verdadeiro equilíbrio de fôrças «sem resultado decisivo para nenhuma das hostes».

«Os franceses sempre se refaziam de multidões de índios aliados. No intuito de cansar aos seus perseguidores, limitavam-se a pequenas escaramuças na baía, a emboscadas e assaltos em terra, afim de trazê-los, sem cessar, inquietados.»

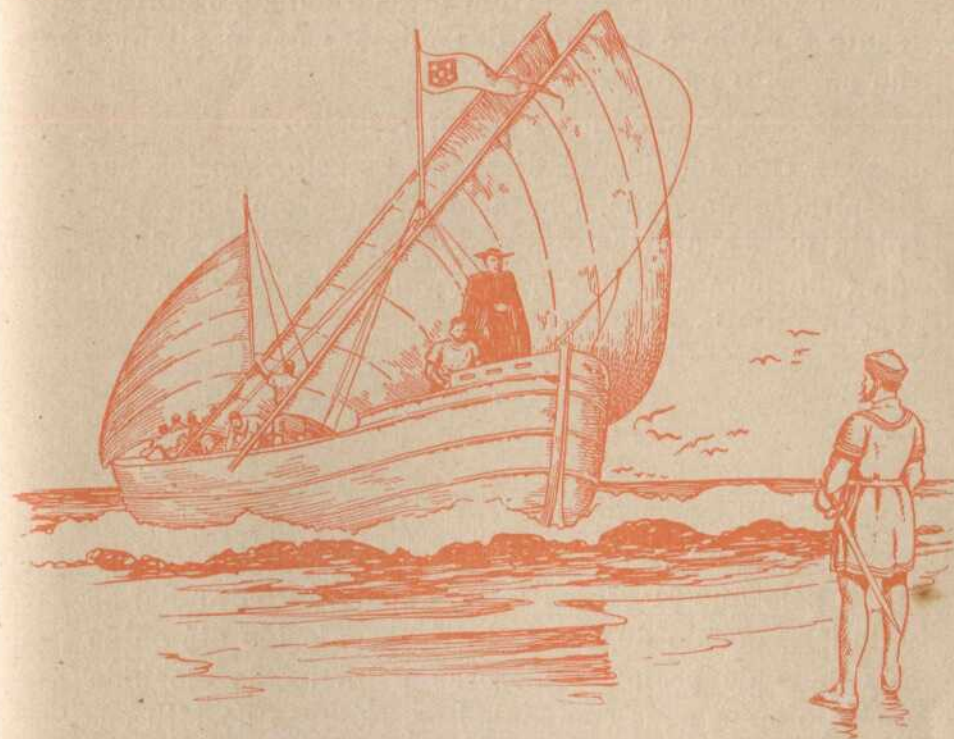
— As coisas não podem permanecer assim, disse Estácio, em conferência com Anchieta. «E' urgente liquidar esta situação, de uma só vez. Não é possível que fiquemos aqui dentro da baía — dois inimigos inconciliáveis, em perseguição feroz, revidando golpes um contra outro, interminavelmente».

— E' verdade, Capitão. Agora que está fundada e florescente a cidade, como base imprescindível de operações contra o inimigo, será êrro gravíssimo, talvez irreparável, deixá-la como está. «Os franceses não podem continuar em aliança com os tamôios, a receber auxílio de seus patrícios, a navegar na baía, a fazer negócios, a expedir emissários para fora, como se fossem sócios no domínio da Guanabara».

— Tem razão, Padre. E acho que isso não é tudo. As coisas podem tornar-se peores se os franceses se adiantarem contra nós, recebendo poderoso socorro da Europa e assumindo a ofensiva para desalojar-nos.

— Mas tal desgraça não há de suceder!

— Padre. Deus há de ouvir as suas boas palavras.



CAPITULO XX

— Não há dúvida! E' dos nossos! gritaram as sentinelas reconhecendo no mar, ao longe, uma embarcação que chegava.

Reuniram-se para recebê-la o Capitão, os padres, as autoridades e muita gente.

A embarcação trazia um grande amigo, valoroso, santo e sábio, o superior das missões das capitánias do sul — o padre Nóbrega.

Receberam-no com o maior respeito.

— Que felicidade! disse-lhe Estácio. Viestes por inspiração de Deus. Chegastes mesmo em hora propícia para a decisão suprema. Precisamos de todos e de tudo para a extinção da *França Antártica* e salvação do Rio de Janeiro.

Depois de visitar a cidade e de mostrar-se admirado pelo que já estava feito, depois de enfronhar-se minuciosamente do que já havia acontecido até então e depois de proferir calorosas palavras de elogio a Estácio e aos seus companheiros, Nóbrega decidiu enviar Anchieta à cidade do Salvador, na Baía, onde ia entender-se com o Governador Mem de Sá e dele conseguir a mobilização geral destinada à ofensiva dos senhores da terra contra os seus teimosos invasores⁽²⁸⁾.

CAPITULO XXI

Mem de Sá ordenou a mobilização geral.

E todos lhe corresponderam à voz de reunir e marchar.

Desde logo se puseram às suas ordens os voluntários que a Baía apresentou, por intermédio do Bispo. Engrossando tal contingente juntaram-se outros voluntários — os de Pernambuco, de Ilhéus, de Pôrto Seguro, do Espírito Santo... Para igual fim os expedicionários de São Vicente acorreram à Guanabara. E a todos se reuniu a esquadra que Portugal enviou sob o comando de Cristóvão de Barros⁽²⁹⁾.

São Sebastião do Rio de Janeiro ia ser pequenina para abrigar sob os seus tetos tão numerosa gente. Por isso, viveu dias de intenso labor, preparando-lhe a hospedagem, em constante agitação.

Afinal, São Sebastião do Rio de Janeiro vibrou de febril entusiasmo ao receber os seus defensores e benfeitores, dentre os quais se destacavam os principais homens do tempo e presentes na terra — Mem de Sá, D. Pedro Leitão, Eleodoro Albano Pereira, Cristóvão de Barros, Anchieta, Ararigbóia...

Estácio e Nóbrega deram-lhes boas vindas.

O povo os festejou com entusiasmo.

E em todos cresceu o ânimo da luta para a defesa e salvação da pequenina e formosa cidade.

Era o dia 19 de Janeiro de 1567.

O Governador estava satisfeito. Podia rever a encantadora paragem, admirava-se contemplando as realizações de seu sobrinho e já se ufanava pensando na expulsão dos franceses, fato êsse que seria a glorificação de seu govêrno.

O Bispo, os padres, os capitães, os comandantes e os expedicionários, portugueses ou nativos, não ocultavam a impressão que a exuberante natureza da região lhes produzia no espírito.

Porém, mais de que êles, alguém vibrava de justa emoção. Era Estácio de Sá ao verificar a demonstração unânime de interêsse e de apôio pela cidade — a sua cidade, cuja existência estaria assegurada para sempre e cujo futuro havia de ser o mais promissor.

Depois do desembarque e passado certo tempo, por ordem do Governador, reuniram-se em conselho de guerra Estácio e os demais chefes.

Trocaram-se idéias, apresentaram-se sugestões. Por fim, ficou assentado o plano geral de ataque.

— Meu Governador e meu tio, disse Estácio, todas as providências estão tomadas. Achâmo-nos preparados para o combate. Ao romper da alvorada é possível o assalto geral contra as posições inimigas. E amanhã — 20 de Janeiro⁽³⁰⁾, será propício às nossas armas. E' o dia da cidade. E' o dia de festa do Santo e do Rei aos quais ela foi consagrada.

— Perfeitamente! exclamou o Governador levantando-se. Pelo Santo e pelo Rei lutaremos amanhã. Está dito. Seremos dignos de Portugal. E que o fulgor do teu nome — ó Brasil! e o cintilar do Cruzeiro de teus céus — ó Terra de Santa Cruz! sejam o facho da vitória! Havemos de perpetuar na história a data de 20 de Janeiro de 1567!

A uma voz, todos lhe responderam:

— Senhor Governador. E' nossa a vossa vontade. Lutaremos sem temor!



CAPÍTULO XXII

O sol, ao despontar no horizonte, não encontrou em Guanabara ninguém a dormir.

Percebendo que iam ser atacados «os franceses e os indígenas seus aliados enfiaram-se nas trincheiras de *Uruçumirim* e *Paranapucuí*».

Os que iam atacar aprontavam-se para a batalha. Assistiram missa campal, com muita devoção.

Terminada a cerimônia, ao troar das bombardas, deu-se, imediatamente, o sinal de combate.

O padre Anchieta, empunhando um crucifixo, poz-se à frente dos combatentes⁽³¹⁾.

— Avançar! gritou o Governador.

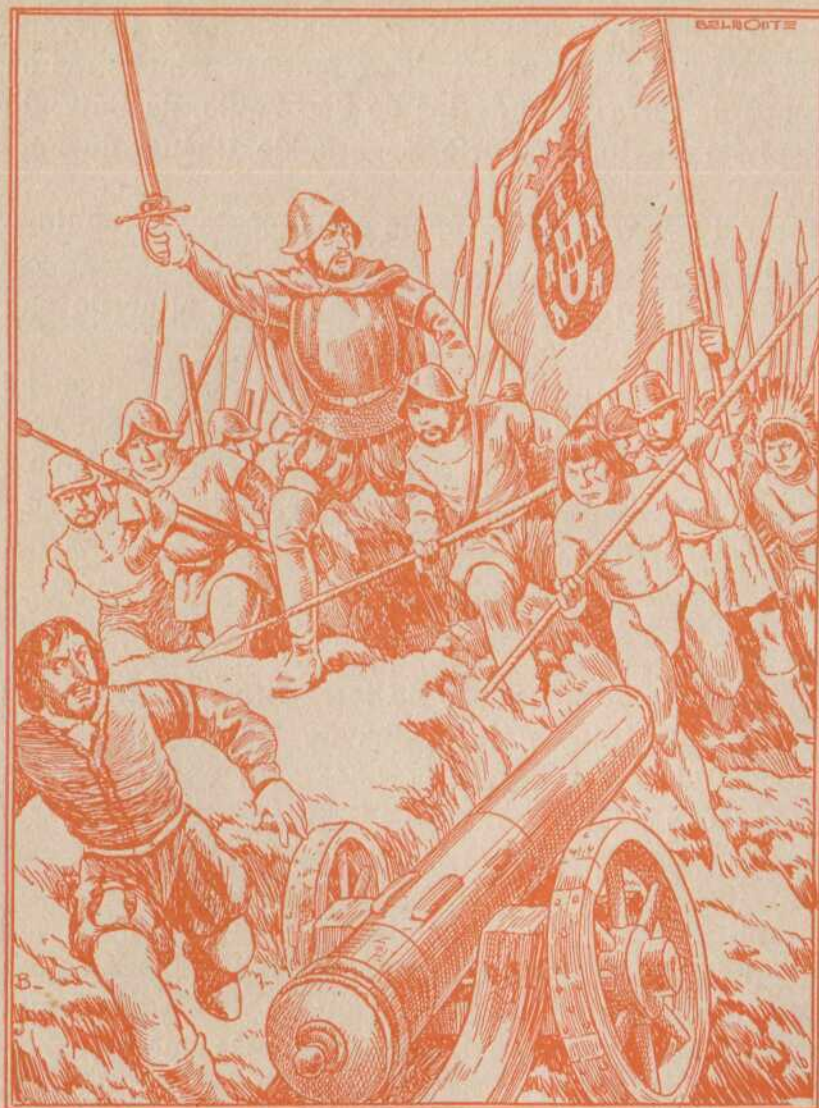
— Fogo! gritou Estácio, atirando-se à peleja.

«E o fogo irrompeu, temeroso, nutrido, incessante, abafando a celeuma das duas hostes.»

As setas passavam zunindo e caíam n'água ou iam cravar-se na terra, nas árvores, no corpo dos lutadores.

Ouviram-se, confundidos, os gritos de animação e os gritos de dôr.

Ombro a ombro avançavam os oficiais e os soldados: portugueses, indígenas e mestiços.



Lado a lado, suarentos, descabelados e terríveis, chegavam à fortaleza inimiga e às suas trincheiras os filhos da terra: voluntários de São Paulo, da Baía, de Espírito Santo, de Pôrto Seguro, de Ilhéus, de Pernambuco...

Alí estavam a Metrópole e a Colônia confundidas pela mesma causa.

Era o Brasil inteiro recebendo no altar de seu solo, como sacrifício, o sangue dos seus.

Multiplicaram-se as flechadas, redobraram-se as cargas, tilintaram os ferros em choque, rolaram corpos, ouviram-se pragas horríveis, jorrou o sangue...

E *Uruçumirim* caiu, tomada de assalto.

Havia mortos, feridos e prisioneiros.

«Perdendo a posição da terra firme, os franceses passaram-se, uns para a ilha de Maracajá, onde se refugiaram no forte de *Paranapucuí*, e outros para bordo dos navios que se conservavam em lugar seguro.»

Reacendeu-se a luta, renhidíssima.

Repetiram-se as cenas de bravura e de horror. O ataque assumiu uma violência irresistível. A defesa esmoreceu. Tornou-se fatal a queda de *Paranapucuí*. Deu-se a debandada dos franceses. «Os que se salvavam, agora, em vez do sertão, procuravam fugir a

bordo das naus, saindo da baía num quasi desvairamento, alucinados dêsse golpe tremendo»⁽³²⁾.

A vitória foi saudada com delírio.

— Viva São Sebastião do Rio de Janeiro! gritavam uns.

— Morra o invasor! respondiam outros.

Mas logo se soube que Estácio de Sá, ferido num dos combates, sentia-se mal.

Isso trouxe uma sombra de tristeza a todos.

Grandes e pequenos o cercaram.

Os entendidos trataram-no, cuidadosa e carinhosamente.

O Bispo e os padres oravam a seu favor.

O Governador não saía de sua cabeceira.

Mas Estácio de Sá, atingido no rosto por uma flecha envenenada, percebeu que estava irremediavelmente perdido. Eram cruciantes os seus padecimentos. Entretanto, estoicamente, ocultou a propria aflição, aparentou melhoras e fingiu passar bem.

— Não é nada! afirmava. Logo estarei convosco, na labuta que vai começar. Já não há invasores a expulsar? Mas há mil trabalhos necessários de fortificação, edificação, plantação, criação, fabricação... Já cessou o esforço pela guerra? Que importa! Iniciam-se os labores da paz.

Todos o ouviam com atenção respeitosa e em profundo silêncio.

— E' um forte! E' um bravo! afirmavam todos.

CAPÍTULO XXIII

Arrastavam-se as horas e os dias.

A enfermidade de Estácio a todos preocupava.

Chegou um momento em que já era com dificuldade que êle transmitia ao Governador os seus projetos a bem da cidade.

Afinal, preparou-se para morrer e recebeu a extrema unção.

Ao sacerdote revelou sua grande alma cheia de fé. E depois?

Era tarde.

O sol despedia-se da terra numa apoteose multicolor.

De olhos semicerrados, Estácio delirava.

Uma linda visão o encantava pela derradeira vez.

Sorrindo para essa visão, êle balbuciava, num sôpro de voz quasi imperceptível.



DELMONTE

Que queriam dizer suas palavras sôltas e suas interrompidas frases?

Certamente, tais palavras e frases queriam dizer o seguinte: «Ei-la. Como está bonita! Foi assim mesmo que eu a imaginei — imensa, rica e poderosa. Quantas tórres, que graciosos edifícios e que imponentes palácios! Ela é, sem dúvida, a rainha das cidades! E' um pedaço do céu pôsto aqui na terra! Estou satisfeito por ver que ninguém fica indiferente à fascinação dos seus encantos. Ela é e será sempre querida. Todos a buscam e a ajudam. Vejo soberanos, sábios, artistas... enchendo-a de presentes, como se fossem os Reis Magos aos pés do Menino Jesús. Escolhem-na para morada dos vice-reis. Elevam-na a capital da colônia e a séde da monarquia. Que adiantamento! Aformoseam-na. Livram-na de epidemias. Todo mundo vem visitá-la, admirá-la, encantar-se com ela. Vejo que o Padroeiro a abençoa. Ouve-me, ó Santo! São Sebastião!... São Sebastião!... Ouve-me!... E' maravilhosa a tua cidade!».

Estácio cerrou os olhos e exalou o último suspiro.
Estava morto.
Sua fama, porém, vive sempre.

Em sua vestimenta de gala, rodeado de flores silvestres, sob o pavilhão de Portugal e as armas da cidade, jazia em seu caixão o ilustre e venerável morto.

Ia ser dado à terra.

Sua sepultura estava aberta no próprio chão da capela, em face do altar onde a imagem do Santo Padroeiro recebia a veneração dos fiéis.

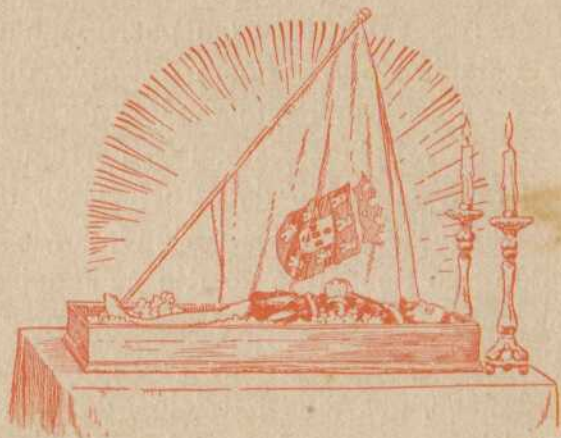
Os padres fizeram orações fúnebres sôbre as suas virtudes: — «Descansa em paz, magnânimo Capitão-mor Estácio de Sá. Foste exemplo de esforço, prudência e sabedoria. Foste modelo de patriotismo, de virtude e de religião cristã. Dos portugueses foste escudo contra a multidão de ferocíssimos tamôios e contra os franceses inimigos. Fundador e Defensor da cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro! Dorme em paz na imortalidade da bem-aventurança e da glória. Recebe a sentida homenagem do teu Govêrno, dos teus concidadãos, dos teus patrícios, dos teus comandados, dos teus companheiros e dos teus irmãos. Receberás, sempre, a homenagem dos filhos destas magníficas paragens e a homenagem dos filhos desta terra. A tua sepultura é para o Brasil uma venerável relíquia que não só a piedade, mas também a gratidão

impõe o dever de acatar». Herói e mártir! Desce, pois, ao seio da terra que foi molhada pelo teu suor e pelo teu sangue, e que será sempre molhada pelas lágrimas da saudade da tua gente⁽³³⁾.

Uma salva de artilharia atroou os ares.

Rebentou o pranto, ouviram-se soluços, suspiros e rezas.

Estácio de Sá, como o coração dos seus, foi dado à terra que é o coração de nós todos.



CAPÍTULO XXIV

As pessoas morrem. Não morrem, porém, as suas boas idéias.

Assim, os excelentes projetos de Estácio de Sá não morreram com êle. Foram seguidos, imediatamente.

Providenciou-se a mudança do núcleo da cidade para o ponto julgado o melhor na imensa Guanabara.

Esse ponto «era um dos morros alí existentes, de ótima posição junto ao litoral e menos íngreme, mas amplo e alto. Estava fora de pantanais e de alagadiços, inacessível às marés, não situado em ilha ou internado demais nas serras. Também não se achava nem à entrada da barra e nem ao fundo da baía».

Nele foram executados os trabalhos para o novo estabelecimento da cidade, que se ergueu «toda murada e guarnecida de baluartes e fortes» parecendo um castelo.

Morro do Castelo foi, por isso, a denominação dada mais tarde ao local⁽³⁴⁾.

«Sob as próprias vistas do Governador ali se edificaram o forte de São Januário, a Sé, ou igreja matriz, de três naves, o Colégio dos Jesuítas, a Casa da Câmara, assobradada, os Armazéns, com varandas e inúmeras moradas, todas cobertas de têlhas.»

Dessa forma, em situação privilegiada, a cidade era forte e já estava linda.

Mem de Sá celebrou a cerimônia de sua reinstalação e repetiu o ato da entrega das chaves⁽³⁵⁾.

E ainda lhe fez mais. Ao regressar à Baía, não lhe deixou, apenas, na tumba, o dileto e saudoso sobrinho que a fundara e defendera. Deixou-a confiada à guarda e à dedicação de outro dileto e digno sobrinho — Salvador Correia de Sá.

Ao separar-se daquelas paragens onde vivera as mais extraordinárias horas de sua existência, conquistara os melhores louros de seu governo e prestara os mais relevantes serviços a Portugal e ao Brasil, Mem de Sá se sentiu comovido.

Antes de transpor a barra lançou um último olhar à querida cidade «criada à custa de tanto esforço e sacrifício». E à sua imaginação, ela apareceu, transfigurada e maravilhosa, como no sonho de Gonçalves e na visão de Estácio.

— O' Rio de Janeiro! vaticinou êle. Fácil é prever o teu destino. Por um conjunto admirável de circunstâncias, hás de tornar-te importantíssima, famosa e, um dia, talvez não muito longe, metrópole também⁽³⁶⁾.

O tempo não pára. Em sua marcha misteriosa através da eternidade, passam os dias, os anos, os séculos...

Como o tempo, o Rio de Janeiro não parou. Seguiu para diante em evolução contínua.

Pelas suas excelentes condições de defesa e pelos elementos naturais de sua exploração fácil, logo se tornou o principal centro de vitalidade, nas bandas do sul.

«Tais vantagens ainda mais se acentuaram quando as suas imediações ficaram livres de traficantes e de intrusos.»

«Ao seu vasto litoral afluíram todos os colonos que não se acostumaram nas capitanias vizinhas.»

Afluíram-lhe também muitos outros das capitanias do norte, quando se deu a invasão da Baía e de Pernambuco pelos holandeses.

Passou a ser o verdadeiro entreposto marítimo da imensa zona dos sertões na época das «bandeiras», durante o movimento febril da extração do ouro e dos diamantes em Minas, Goiaz e Mato-Grosso.

E passou a ser o centro da guerra desencadeada entre os colonos de Portugal e da Espanha, ao disputarem territórios nas fronteiras.

Dessa forma se criou e se firmou a sua preponderância ao sul, no comêço e, afinal, em toda a colônia.

CAPÍTULO XXV

Tudo foi, pois, favorável ao Rio de Janeiro.

E assim, benfadada, a cidade prosperou.

Milhares de prédios lhe formaram as ruas, encheram os bairros, animaram as praias, conquistaram os morros...

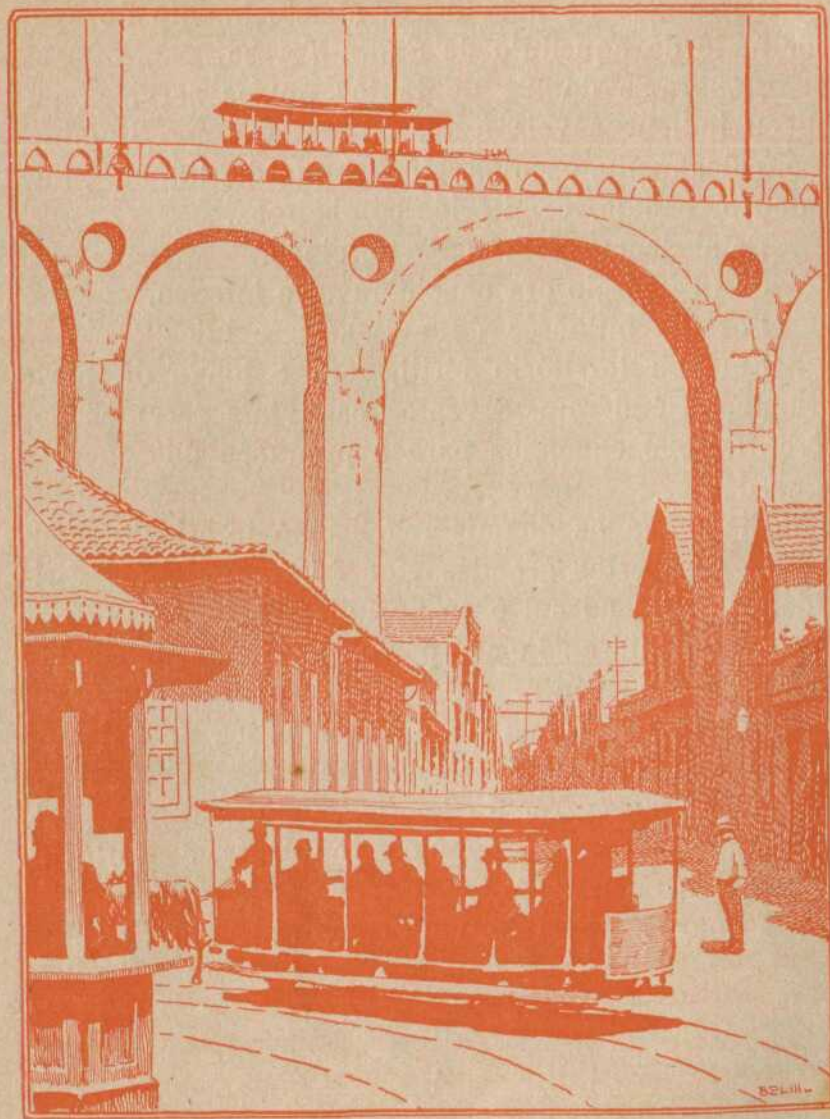
Praças e jardins a alegraram.

Igrejas, erigidas por toda parte, sobressairam em meio do seu casario, confirmando os sentimentos do povo.

Também se ergueram os grandes edifícios dos mosteiros e conventos, dos seminários, asilos, hospitais e colégios...

Além dessas, outras construções importantes e vistosas, deram-lhe imponência, como os arsenais da guerra e da marinha, a alfândega, o mercado, os quartéis, o teatro, os hotéis, os armazéns...

Seus palacetes e palácios principiaram a surgir no centro, nos arrabaldes, à beiramar e nos montes.



Era digno de nota o seu abastecimento de água por meio do aqueduto de Santa Teresa.

Achara-se dotada de tantos outros serviços públicos indispensáveis à vida urbana, como iluminação, calçamento, esgotos, viação, guarda, limpeza, matadouro, canais, cemitério, bombeiros...

Estabelecera fábricas e oficinas.

Seu comércio era considerável e intenso.

Possuia milhares de armazéns e lojas.

Em seu território fértil, fora e longe da parte urbana, estenderam-se vastos canaviais servidos por cerca de 500 engenhos para a produção de açúcar e aguardente.

Ligando-a às demais regiões do interior, encontraram-se abertas grandes vias de comunicação dirigidas a oeste, ao sul e ao norte.

Movimentara-se o seu pôrto com a entrada e saída de navios sem conta.

Animara-se a sua baía com a pesca da baleia e de peixes por inumeráveis barcos.

Assim, ao correr do tempo, evoluira sem cessar.

Tornara-se vasta, populosa, opulenta, confortável, influente e encantadora.

Tornara-se, de fato, uma cidade incomparável.

CAPÍTULO XXVI

Como não havia de ser assim?

«Nesse ponto do universo, a mão do Criador parece haver-se esmerado em reunir maior número de belezas, acumulando nele tudo quanto possa encantar os olhos e arrebatá-lo o espírito.»⁽³⁷⁾

«A baía é, na realidade, um prodígio de lindeza. Não pode ser imaginada por quem não a viu. Parece fabulosa aos que a admiram.»⁽³⁸⁾

A vista do Rio de Janeiro, em seu conjunto de águas, embarcações, ilhas, praias, edificações, matas, serras e céu «oferece um maravilhoso espetáculo que constitui o deslumbramento dos passageiros dos navios que lhe cruzam a barra»⁽³⁹⁾.

A contemplação dessa vista «enche a alma de deliciosas sensações»⁽⁴⁰⁾.

Nesse quadro há «tudo quanto a fantasia dos artistas tem sonhado de mágico e de sedutor»⁽⁴¹⁾.

«E' a mais encantadora paisagem da terra.»⁽⁴²⁾
E', sem dúvida, um verdadeiro paraíso.

Ninguém ficou inerte e indiferente em face de tais encantos.

Todos sentiram a influência de tantas maravilhas. Deslumbrados, arrebatados e fascinados por êsses dons do Rio de Janeiro, os homens o ajudaram, defenderam, e cumularam de mimos.

Chefes do governo, sábios, artistas... todos o preferiram, enalteceram e glorificaram.

Quais foram êsses homens?

E quais foram os seus atos a bem do aprimoramento da grande cidade?

Primeiramente foram D. José I, rei de Portugal, e o Marquês de Pombal, seu primeiro ministro, que o tornaram a residência dos vice-reis e, assim, a capital da Colônia.

Depois...



CAPÍTULO XXVII

Depois, um dia, há um grande alvorôço na cidade. Que há?

Uma frota engalanada se avizinha.

Do navio principal desembarca um novo personagem, cujo vestuário e cujo séquito revelam sua importância.

E' D. João, o Príncipe Regente.

Mudando a capital do reino para o Rio de Janeiro, D. João viria trazer-lhe incontáveis benefícios.

Deu-lhe a Imprensa Régia, a Escola de Medicina, a Academia de Belas Artes, o Jardim Botânico, a Biblioteca Nacional...

Deu-lhe, por fim, ao regressar a Portugal, o príncipe D. Pedro, que haveria de proclamar a Independência do Brasil!



CAPÍTULO XXVIII

Independente o Brasil, o Rio foi a capital do Império, ou a *Côrte*, como a chamavam. Cresceu em pompa e riqueza.

Aí viveram D. Pedro I, D. Maria Leopoldina, D. Pedro II, a Princesa Isabel, as figuras dos grandes políticos desse período de nossa história.

Aí viveram muitos dos propagandistas da República, e aí foi ela proclamada, a 15 de novembro de 1889, pelo Marechal Deodoro da Fonseca.

Todos os presidentes, a seguir, procuraram aforesar a cidade, sempre crescente em beleza e graças.

Um merece ser destacado, pelos bens que lhe proporcionou: o Presidente Francisco Rodrigues Alves, que cuidou do saneamento, transformando a capital em uma cidade moderna, com as condições necessárias para o desenvolvimento que ainda haveria de ter.

Tendo ao lado de si homens como Osvaldo Cruz e Pereira Passos, o Presidente Rodrigues Alves afas-



tou do Rio de Janeiro a sombra das epidemias que o assolavam.

Constrói-se o pôrto, um dos mais seguros do mundo. Abre-se uma grande Avenida Central que, mais tarde, haveria de receber o nome de Barão do Rio Branco.

O progresso continua sempre. A cidade se expande. Furam-se as montanhas, para que as praias do Leme e de Copacabana sejam alcançadas... Novos arrabaldes surgem, escalando as alturas de Santa Teresa, da Tijuca, da Gávea...

Ainda não basta o espaço. E então, aquele venerável Morro do Castelo, para onde um dia se transportou a nascente povoação de Estácio de Sá, cede as suas terras, para que com elas se atulhasse uma curva da baía. E um novo centro comercial aí se levanta, com arranhacéus majestosos, palácios imponentes que atestam a fôrça e a grandeza do poderoso país a que o Rio serve de coração.

CAPÍTULO XXIX

Sim, o sonho de André Gonçalves realizou-se! A visão de Estácio de Sá transformou-se em verdade indiscutível.

A fama e a glória do Rio de Janeiro estenderam-se ao mundo todo. Milhares de estrangeiros vêm visitá-la anualmente. Artistas, poetas, pintores e romancistas exaltam-na em suas obras.

A música a leva, em suas asas, por toda a parte.

Nenhuma cidade mais alegre, nenhuma mais bela, mais acolhedora, nenhuma realmente capaz de receber, como esta, o título magnífico de

CIDADE MARAVILHOSA.

Maravilhosa, pela natureza;
maravilhosa, pelo passado;
maravilhosa, pelo que mostra
do valor e esforço da gente
brasileira; maravilhosa,
enfim, pelo porvir que
a aguarda — como
centro da grande
Nação Brasileira!

BIBLIOGRAFIA

NOTAS

- 1, 2, 3 e 4 — História da Cidade do Rio de Janeiro, de Max Fleiuss, págs. 25 e 26. Efemérides, do Barão do Rio Branco.
 - 5 e 6 — História do Brasil, de Rocha Pombo, Vol. III, págs. 54, 55, 329 e 330.
 - 7 — História do Brasil, de Osório Duque Estrada, pág. 76. Obra cit. de Max Fleiuss, pág. 34.
 - 8, 9, 10, 11, 12, 13 e 14 — Obra e vol. cits. de Rocha Pombo, págs. 544, 545, 554, 556, 557, 558, 559 e 557.
 - 15 e 16 — Ob. cit. de Max Fleiuss, págs. 43, 42 e 43.
 - 17, 18, 19, 20, 21 e 22 — Ob. e vol. cits. de Rocha Pombo, págs. 570, 568, 560, 563 e 570.
 - 23, 24 e 25 — Ob. cit. de Max Fleiuss, pág. 44.
 - 26 — Ob. e vol. cits. de Rocha Pombo, págs. de 572 a 574.
 - 27 — Ob. e vol. cits. de Max Fleiuss, pág. 46.
 - 28, 29 e 30 — Ob. e vol. cits. de Rocha Pombo, págs. 564, 565, 566.
 - 31 — Ob. e vol. cits. de Max Fleiuss, pág. 47.
 - 32 e 33 — Ob. e vol. cits. de Rocha Pombo, págs. 569 e 581.
 - 34 — Ob. e vol. cits. de Max Fleiuss, pág. 51.
 - 35 e 36 — Ob. e vol. cits. de Rocha Pombo, págs. 585 e 588.
 - 37 e 38 — Porque me ufano do meu país, do Conde Afonso Celso, pág. 37.
 - 39 — Enciclopédia e Biblioteca Internacional, vol. XVII, pág. 9.849.
 - 40, 41 e 42 — Obra cit. do Conde Afonso Celso, págs. 36 e 37.
-